

A Doença e a Reconexão com o Sagrado

Maytê Romero

É indiscutível o fato de que o indivíduo é constituído pela totalidade corpo, psique e espírito, mas o quanto ainda é difícil trabalhar com essa totalidade devido ao enraizamento da cisão entre elas a nível coletivo e individual. A cisão dessa totalidade se deu, em grande parte, devido à necessidade da ciência em separar áreas de estudo para o avanço do conhecimento específico das coisas.

Jung nos falou sobre esse fato quando disse que corpo e alma constituem uma só realidade e que a separação nada mais é do que a necessidade da razão para que se perceba os dois lados da mesma realidade; trata-se de uma conceitualização necessária, de um só e mesmo fato em dois aspectos aos quais se atribui indevidamente uma existência e um funcionamento autônomo.

Essa separação dificulta ao próprio indivíduo em se perceber de forma total, fato este, que compromete sua saúde e o impede de reconhecer os sinais ou manifestações físicas e psíquicas como um chamado de reconexão ao sagrado e consequentemente como recurso para o avanço no processo de individuação.

O objetivo deste artigo é refletir sobre o crescente adoecimento do ser humano em todos os níveis que o compõe como uma solicitação de reintegração com o Sagrado, porção essencial que amplia o significado da vida e, consequentemente, com sua totalidade.

Segundo Jung (1991), o corpo é um arranjo adequado, uma matéria que torna possível a existência da vida, mas que somente poderá viver com a presença de um princípio vital. Sendo assim, o corpo precisa da psique para se tornar capaz de viver e a psique precisa do corpo para que suas imagens possam se manifestar.

O homem primitivo considerava qualquer doença grave como sendo relativa à perda da alma. Existem inúmeros ritos com o intuito de chamar o pássaro alma de volta ao corpo do doente. (JUNG, 1991)

Sendo assim, a doença pode estar diretamente ligada a um desequilíbrio do funcionamento do indivíduo. Essa perda de harmonia é sentida pela psique e pode se manifestar no corpo como sintoma ou doença. Assim sendo, o corpo pode ser caracterizado como o lugar da concretização dos aspectos psíquicos. Como a totalidade do mundo material representa o palco sobre o qual acontece o jogo das imagens primordiais, também o corpo material é o palco em que as imagens da psique podem se expressar. (DETHLEFSEN & DAHLKE 2003)

Segundo Arnold Mindell (1989), o crescimento psicológico sem consciência do corpo é como uma árvore sem raízes. Sendo assim, o sintoma pode ser entendido como um transmissor de informação que indica a necessidade de uma ampliação da consciência. Trata-se de um chamado do Self no sentido de tentar mostrar ao indivíduo as questões de seu funcionamento que estão acarretando um desequilíbrio, para assim reconectá-lo ao sentido da vida, pois depois que o Self abandonado dentro do corpo é atendido, o corpo pode despertar como um parceiro da consciência frente ao processo de individuação.

O indivíduo governado pelas questões externas e sociais dificilmente está em contato com o Self, e geralmente experimenta a si mesmo como um corpo atormentado pela doença e por isso apresenta grande dificuldade em buscar dentro de si o entendimento dos sinais vindos através do corpo e o sentido do que está vivendo. Por outro lado, a pessoa que experimenta e manifesta sua vida interior, geralmente, se percebe como um ser em evolução e respeita as mensagens que sua porção mais sagrada lhe envia atuando em prol do seu processo de individuação. (Mindell, 1989)

O processo de individuação é um processo de realização da própria vida, da realização do Divino no homem, pois o aspecto espiritual do arquétipo do Self proporciona ao indivíduo a compreensão de que existe uma força maior que move suas ações e que amplia o significado de sua vida. (Jaffé, 1995)

Neste sentido, Jung salientou que as neuroses se caracterizam como o sofrimento de uma alma que não encontrou o seu sentido; podemos, aqui, ampliar e entender que, além das neuroses, todos os sinais de desarmonia, expressos no corpo em forma de sintomas ou doenças, se configuram como um chamado de reconexão com o Sagrado, pois, segundo ele, é do sofrimento da alma que brota toda criação espiritual e nasce todo homem enquanto espírito. E que o motivo do sofrimento é a estagnação espiritual, ou seja, a esterilidade da alma. (Jung, 1988)

Jung ainda descreveu que, à medida que cresce na sociedade uma indiferença pelas coisas da igreja e uma decadência na vida religiosa e espiritual, ocorre um aumento considerável das neuroses. (Jung, 1988) A religião pode ser um meio eficaz de reconexão do indivíduo com o sagrado e também da aproximação com a força superior que o rege.

Como descreveu Silberman, em artigo publicado no *Journal of Social Issues*, o termo religião pode ser definido como um sistema de significados centrado no sagrado que se torna a lente através da qual o indivíduo percebe a realidade. Segundo ele: Esse sistema, formado por crenças e expectativas, influencia a vida dos indivíduos nas relações consigo mesmos e com os outros. E, para muitos, confere sentido à própria história do nascimento à morte e além. (Revista Viver Mente e Cérebro, ano XIV, n 168, pg47)

No sentido junguiano, a atitude religiosa autêntica é aquela que facilita o processo de individuação, enquanto atenção ao mundo interno. (Giglio e Giglio, Cadernos Junguianos, 2006)

Podemos pensar a partir disso que o grande aumento dos casos de depressão, ansiedade, compulsões, pânico, transtornos alimentares e outros, também estejam, em algum nível, relacionados à falta da relação do indivíduo com o sagrado, mas também podemos pensar nessas doenças como um recurso do Self no sentido de restabelecer essa relação. Não podemos negar que estamos vivendo em uma época de grandes conflitos sociais, no qual o poder e a corrupção regem o sistema coletivo. A busca desenfreada pelo Ter vem superando de forma intensa a busca pelo Ser. O valor do ser humano é medido na sociedade atual pelo que ele possui, pelo cargo que ocupa e até mesmo por sua aparência, e, entretanto, o indivíduo é muito pouco ou nada valorizado pelo que É. Esse funcionamento coletivo em torno do Ter pode gerar uma tendência à perda do sentido da vida e consequentemente levar o indivíduo a adoecer.

Entretanto, quando o indivíduo adoece e esgota todos os recursos da medicina tradicional para sanar seu sintoma, busca, em grande parte das vezes, o espiritual como recurso. Desta forma, o indivíduo se conecta de novo ao sagrado e, a partir da dor, a espiritualidade pode novamente se manifestar.

Jung relatou que essa reconexão ocorre num ponto culminante da doença, no qual os elementos destrutivos podem se transformar em elementos de salvação. E descreveu que:

Essa grande inversão, com efeito, tem lugar no momento em que, nos sonhos ou nas fantasias, surgem conteúdos ou temas cuja origem não pode ser detectada na consciência. O fato de o doente ver-se confrontado com algo estranho que brota do reino obscuro da alma, mas que não se identifica com o eu e, por isso, se acha fora do arbítrio do eu, é sentido como uma iluminação decisiva: o sujeito reencontra o caminho de acesso para as fontes da vida da alma, e isso constitui o início da cura.” (Jung, 1988, p. 534)

A atuação autônoma do Self, às vezes, consegue provocar a percepção de uma voz interior ou até suscitar imagens visionárias que, segundo Jung, constitui uma experiência original da ação do espírito no homem. (Jung, 1988)

Quando o indivíduo consegue voltar a ouvir a voz interior percebe que experiências desta natureza facilmente conciliam os erros dolorosos do passado, porque é a partir delas que o sujeito conseguirá reconciliar-se também com seus antagonismos interiores e eliminar, num nível superior de sua evolução, o estado de dissolução doentia de que foi vítima. (Jung, 1988, par.536)

Porém, conforme relatou Harris citando Marion Woodman:

O renascimento para um nível mais elevado de consciência não se consegue voando pelo ar. A ascensão é equilibrada pela descida. O tesouro é recuperado através do encontro com o húmus devorador, o lado sombrio da Grande Mãe. (...) Trata-se de trabalhar no nível mais profundo do inconsciente somático para trazer o corpo sutil ao consciente. (Harris, 2004, págs.58, 59)

Dessa maneira, a psicoterapia contribui muito para que o indivíduo não se sinta desamparado no processo de descida ao inconsciente e para que uma ampliação da consciência, realmente, venha a acontecer e gerar transformação e evolução no processo de individuação. Dificilmente esse processo ocorre efetivamente sem a orientação de um profissional consciente da sua importância, bem como da importância dos sintomas e dos sinais associados a eles como possibilidade de reencontro com o sagrado, pois, como referiu Jung, a atitude do psicoterapeuta é infinitamente mais importante do que as suas teorias e os métodos psicológicos.

Sendo que a atitude do psicoterapeuta é mais importante do que os seus métodos, devemos, também, refletir a respeito de como está essa atitude, não simplesmente com relação à postura no consultório, mas sim em como está a atitude do psicoterapeuta frente à própria vida. Como o indivíduo psicoterapeuta está se sentindo? O quanto nós, psicoterapeutas, estamos permitindo que a força maior do sagrado conduza nossos próprios passos? O quanto estamos olhando para o nosso corpo e estamos vendo quais sinais ele nos traz a respeito de quem estamos sendo, de como estamos funcionando frente à vida? Como está a nossa postura? Está leve ou pesado o que carregamos em nossas costas? Quais são as dores físicas que se repetem e se repetem na tentativa de sinalizar algo que não estamos vendo?

Somos, literalmente, o instrumento do nosso trabalho, e por isso é essencial que o psicoterapeuta cuide de si mesmo, pois é esse autocuidado que irá determinar nossas condições de cuidar das pessoas que nos procuram, de ajudar na observação dos sinais que se apresentam no corpo, de contribuir com sua descida ao inconsciente e consequentemente com sua reconexão com o sagrado. De fato, nossa capacidade profissional está diretamente ligada a nossa atitude frente a nossa própria vida.

Quando falamos de ser humano doente e sofredor, estamos falando de todos os indivíduos, inclusive de nós, os cuidadores da alma, por isso gostaria de deixar, com esse artigo, a reflexão do quanto nós, seres humanos, estamos cuidando do nosso nível somático e da sua relação com o nível espiritual. Estamos aproveitando o fato de termos um corpo? Não me refiro ao fato de que aproveito meu corpo, pois com ele posso me vestir com roupas bonitas e muitas vezes de *griff* e, assim, apresentar-me adequadamente nos lugares, não como um corpo que me proporciona usufruir de uma boa mesa ou como possibilidade para que eu deguste um bom vinho ou ainda como veículo para me levar para lá e para cá. É claro que essas coisas têm a sua importância, mas meu questionamento se dá em torno do quanto estou aproveitando o meu corpo como recurso para que minha vida aconteça e para que o Sagrado se manifeste.

Ainda cabem questionamentos como: o quanto estou conseguindo ver o meu corpo como auxiliar na minha missão terrena, como sinalizador da minha postura na vida? Do meu autocuidado? O quanto estou atento ao funcionamento desse aparelho que é o corpo, o quanto percebo suas falhas para ajustar sua sintonia, ou o quanto estou dando seus sinais a falta de significado?

Nada está separado: corpo, psique e espírito e provavelmente estamos aqui com um propósito muito maior do que nosso ego pode perceber, por isso, este artigo se propôs a salientar o corpo e os seus sintomas como recursos no caminho da evolução e como possibilidade de ampliação do sentido da vida, através da manifestação do sagrado dentro de nós.

Ao olhar no espelho da vida, precisamos ver além da nossa imagem refletida, ou seja, precisamos ver as manifestações psíquicas, precisamos perceber os sinais vindos do corpo e precisamos enxergar o direcionamento vindo do Self, que pode se manifestar em todas as coisas e em todos os lugares, dentro ou fora de nós. Assim, os olhos da nossa alma enxergarão a amplitude da nossa totalidade, sentiremos a atuação do Sagrado dentro de nós, guiando nossas vidas e nos mostrando os sinais que nos conduzem à evolução, proporcionando a possibilidade de sintonia com nosso mundo interno e com a sociedade da qual somos parte e assim poderemos estar plenos e em paz.

Bibliografia:

DETHLEFSEN, T.; DAHLKE, R. 2003. A Doença como Caminho. 11. ed. São Paulo: Editora Cultrix.

GIGLIO, J.S. & GIGLIO, Z.G.. 2006. Cadernos Junguianos - Associação Junguiana do Brasil. São Paulo: AJB – novembro 2006. volume 2.

HARRIS, J. 2004. Jung e o Ioga – A Ligação Corpo-Mente. São Paulo: Editora Claridade.

JAFFÉ, A. 1995. O Mito do Significado. São Paulo: Editora Cultrix.

JUNG, C. G.. 1991 A Dinâmica do Inconsciente. Vol. VIII. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes.

JUNG, C.G. 1988. Obras Completas de C.G. Jung: Psicologia da Religião Ocidental e Oriental. Vol.XI. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes.

MINDEL, A.1989. O Corpo Onírico: O papel do corpo no revelar do si-mesmo. São Paulo: Summus Editorial.

Revista Viver Mente e Cérebro, ano XIV, n.168